INTERNATIONAL
COLLOQUIUM

RELIGION AND VIOLENCE

29-30
NOVEMBER

AUDITÓRIO DA
BIBLIOTECA CENTRAL

2018 . UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

POSTER: YUNA LE QUÉRÉ

Índice

INTRODUÇÃO	**1**
PROGRAMA	**5**
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES	**9**
NÓTULAS BIOGRÁFICAS E CURRICULARES	**17**

INTRODUÇÃO

Desde o 9/11, pelo menos, que a Religião se colocou brutalmente no centro da nossa vida e cultura contemporâneas, mostrando cruamente a ambiguidade atávica que a constitui desde a noite dos tempos.

Poderemos e deveremos auscultar, relendo-os a esta luz, os antigos Mitos e Textos fundadores (o *Enuma Elish*, a Bíblia, a Bhagavad-Gîta, Al-Corão, etc.), que reclamando-se de uma Outra voz, justificam e introduzem um Absoluto violento na convivência humana. Foram e são inúmeros os textos do Antigo (e até do Novo) Testamento que mobilizaram e mobilizam apropriações e releituras interesseiras, xenófobas, violentas, apologias da guerra e de razias, de que o Estado Islâmico ou a mudança de Embaixada dos EUA, em Israel, de Telavive para Jerusalém são apenas exemplos recentes. Já muito para lá de *A Religião nos Limites da Simples Razão* e o seu reducionismo ético, do «ópio do povo», da «genealogia da Moral / morte de Deus», da «neurose colectiva», etc., importa refazer hoje, em novos moldes, a *crítica da práxis religiosa*.

Há espaço e lugar para muitos enfoques: como esquecer o que a Mitologia e a Simbólica nos podem dizer ainda sobre a *Guerra dos Pandavas*, o combate entre *Marduk e Tiamat*, a *Cólera de Aquiles*, ou ainda História sobre os primeiros 100 anos do Islão (guerra sobre guerra, continuamente) e a passagem do cristianismo, no século IV, de religião perseguida a perseguidora, e, depois, as apropriações e legitimações históricas da Guerra Justa, do antissemitismo, da perseguição aos heréticos, desde Agostinho à Literatura do séc. XVII, e para lá dele (sob outros nomes, hoje), apesar do kantiano sonho da Paz Perpétua. Assim, tanto a História como a Filosofia, a Fenomenologia, da Teologia Política, a Literatura (Dumézil, *Mito e Epopeia*; Ricoeur, *Temps et Récit*, etc.) podem dar as mãos nesta investigação. As possibilidades são tantas que o desafio aqui é mesmo a contenção.

Como não recordar outras coisas, quando, há tempos, no Centro da Europa, na Áustria o líder do partido conservador (ÖVP), Sebastian Kurz, tenha engolido de bom grado a declaração de «guerra ao Islão» do seu número dois do Governo, Heinz-Christian Strache, da extrema-direita (FPÖ). 1536 ainda mexe em Viena... A religião tem futuro, algum dele bem negro. O *homo religiosus* é também *homo periculosus*. Mormente quando mobilizado pelo *não-religioso*. E "retornos do religioso"(Vatimo, etc.) há muitos, uns sacralizantes (Heidegger *et al*), outros secularizantes, outros já pós-secularizantes...

E como esquecer, por outro lado, que no extremo do extremismo xiita iraniano, tenha brotado (séc. XIX) o mais radical movimento pela não-violência no Islão, as comunidades Bahá-í? Como esquecer tantos e tantos esforços que hoje (Ecumenismo, Ética Mundial de Hans Kunh, de recorte kantiano, *Espírito de Assis*, New Age, Ecologia do *Oikos* comum, aprofundamento sapiencial, em Ricoeur, etc....) e sempre (Sermão da Montanha, Francisco de Assis, Nicoalu de Cusa, J. Locke, Mandela, etc.), se fizeram contra a exegese belicosa, electiva, xenófoba e fanática dos textos religiosos? E as radicalizações acontecem em todos os quadrantes, não só entre os fundamentalistas islâmicos (veja-se na Igreja Católica as reacções a Francisco, ou o recrudescimento dos Evangélicos fideístas e criacionistas nos EUA e no Brasil, onde só esperam uma oportunidade para assaltar o Palácio do Planalto...).

Ademais, como compreender que uma das maiores expressões de inteligência e autotranscendência, o Humor, e uma das grandes reservas críticas face ao destempero das desrazões públicas (política, religiosa, económica, social, mediática, ...), sob o princípio da liberdade de expressão, tenha resvalado, v.g., no caso do *Charlie Hebdo*, e vindo a quebrar todos protocolos tácitos (na pior esteira de Voltaire), tornando-se também ele factor de violência – não apenas que no provoca por reacção, mas no que ele mesmo protagoniza simbolicamente, v.g., no caso Aylan. Isto abre caminho a reflexões e estudos interessantes que podem ser feitos, com trabalho de campo, sobre a relação entre Humor e Religião, o Espaço Público (*le voile*... em França), a Política, Liberdade de culto, etc.

Por tudo isto, e mais no que houver para reflectir, a *religio* pode e deve ser objecto da *epistême*.

ORGANIZAÇÃO:
José Rosa,
António Bento,
José A. Domingues,
António Amaral

PROGRAMA

29 Novembro

14:30 – 18:30h
Moderação do painel: Prof. JOSÉ MANUEL SANTOS

JOSÉ ROSA

Religião e Violência. Problematicidade de um nexo

ARTUR MORÃO

Religião entre a paz e a violência: Linhas da reflexão actual

ANTÓNIO DIMAS DE ALMEIDA

Da transcendência de uma hierofania à imanência de uma religião. Para uma hermenêutica da violência religiosa

SAMI ALDEEB

La violence dans l'islam: diagnostic et thérapie

30 Novembro

9:00h – 13:00h
Moderação do painel: Prof.ª ANA LEONOR SANTOS

ANTÓNIO AMARAL

Monoteísmo(s) e Violência: da força do sagrado à sacralização dos poderes

ALFREDO TEIXEIRA

Da génese ao contexto, da violência ao conflito

ANTÓNIO MARUJO

Religiões e conflitos: não-violência activa, Europa e média contra a traição aos nomes de Deus

DONIZETE RODRIGUES

Durkheim Revisitado: religião, anomia e a génese da violência

14:30h – 17:30h
Moderação do painel: Prof. DAVID SANTOS

PAULO MENDES PINTO

Entre língua e linguagem: a religião na confluência das grelhas mentais e dos Textos Sagrados

JOSÉ DOMINGUES

O Sacrifício como questão do Sagrado

JOSHUA RUAH

Religiões e conflitos: não-violência activa, Europa e média contra a traição aos nomes de Deus

Resumos das Comunicações

JOSÉ ROSA

Religião e Violência. Problematicidade de um nexo

Nesta comunicação pretende-se questionar o nexo estritamente causal que alguns pretendem estabelecer entre Religião e Violência. Embora haja narrativas míticas, textos religiosos, filosóficos, jurídicos, poéticos, espirituais, etc., que fazem a apologia da violência e da guerra, muito raramente tais textos são literária e teologicamente homogéneos. A guerra (tal como paz e o amor anunciados nos mesmos textos) faz-se e diz-se de muitos modos. Quando, exemplo, um terrorista pratica um atentado ao mesmo tempo grita "Alhahu Akbar!", ou quando Urbano II, em 1095, apelava à Cruzada dizendo "É Cristo quem manda!", tais proposições esclarecem ou, pelo contrário, obscurecem a relação entre Religião e Violência? Ao investigador impõe-se cautela e humildade para resistir aos simplismos maniqueístas e às respostas gerais, feitas sem atender aos contextos. Importa, pois, questionar aquela pretensa evidência causal do nexo. Tal pessoa obedecerá a um mandamento religioso ou tão-só ao que ele pensa ser um mandamento religioso? Esta distinção serve para todos os casos? Que voz humana pode presumir falar em nome de Deus? Como princípio mínimo, consideramos que todo o discurso humano que se diz a si mesmo como «vindo de Deus» tem de se submeter à interpretação. Mas como lidar com discursos religiosos que se pretendem subtrair à hermenêutica? Neste nosso primeiro colóquio sobre assunto, mais que dar respostas, pretendemos fazer "boas perguntas" e aprender a colocá-las do ângulo justo.

SAMI ALDEEB

La violence dans l'islam: diagnostic et thérapie

1) De l'islam non violent à l'islam violent: Évolution d'un islam mecquois non violent à un islam médinois violent. Taha: retour au Coran mecquois

2) Violence au sein de la société musulmane: envers les animaux, les enfants, les femmes, en droit pénal, violence et alternance du pouvoir

3) Violence extérieure envers les non-musulmans: la haine comme prélude à la guerre, la dissimulation, le jihad, les rapports avec les dhimmis

4) Thérapie de la violence: reconnaître le problème, éviter la langue de bois, être ferme et cohérent, désacraliser les livres sacrés, mesures juridiques et solution du problème des réfugiés, favoriser la justice.

ANTÓNIO DIMAS DE ALMEIDA

Da transcendência de uma hierofania à imanência de uma religião. Para uma hermenêutica da violência religiosa.

É hierofania tudo aquilo mediante o qual o sagrado se dá a ver. Pelo que o campo hierofânico dá lugar ao campo da religião inescapavelmente marcada (para não dizer ferida) pelas contingências da História. Emerge daí uma pluralidade de convicções fortes, desafio permanente para o diálogo inter-religioso. A violência religiosa (sim: religiosa!) supõe essa transmutação em que o hierofânico dá lugar ao religioso. Pelo que uma desconstrução crítica da religião se impõe, isto é, um exercício hermenêutico não totalmente despido das aporias que lhe são próprias.

ARTUR MOURÃO

Religião entre a paz e a violência: linhas da reflexão actual

É importante traçar as coordenadas da discussão presente sobre o binário religião/violência. Os resultados do debate e do exame de várias posições mostram que o conceito de "religião" está longe de ser evidente e constitui, na realidade, um verdadeiro novelo hermenêutico, um puzzle conceptual, que faz borbotar muitos aprioris interpretativos. Por outro lado, a disputa, muito acesa, oscila entre a estigmatização da religião e uma certa desculpabilização do secularismo e das suas ideologias; nota-se ainda a tentação de acatar determinismos monocausais a propósito de uma realidade deveras complexa de múltiplos níveis e factores.

O tema, segundo os autores, com atitudes muito contrastadas, pesquisa-se na antropologia, na sociologia, na psicologia e na história. Atende-se também a outros acentos: monoteísmo e violência, simbolismo religioso e violência, amigo e inimigo na Bíblia.

Em suma, a atmosfera da reflexão parece ser, em parte, a de uma "guerra cultural" e não propriamente a de um recinto académico em busca da paz da compreensão. Daí a relevância do trabalho de clarificação intelectual em torno do tema.

ALFREDO TEIXEIRA

Da génese ao contexto, da violência ao conflito

Para uma leitura das relações entre religião e violência, não parece bastar a via genealógica – uma teoria das origens, como o ensaiou René Girard. No terreno desta problemática, é necessário não subestimar o papel das dinâmicas sociais que, historicamente, fazem prevalecer as tendências mais irénicas ou mais erísticas de uma determinada memória religiosa. Torna-se necessária uma operação de historicização, para que da mitografia se passe à antropologia, da violência originante às lógicas de conflito, nas trajetórias de construção das identidades religiosas.

ANTÓNIO AMARAL

Monoteísmo(s) e Violência:
da força do sagrado à sacralização dos poderes

1. Arqueologia conceptual: poder, força e violência
2. Protogéneses do problema: entronização das realezas orientais e pré-monoteísmo na Teogonia de Hesíodo [CORNFORD/VERNANT]
3. Prelúdio reflexivo: violência, sacralidade e antagonismo mimético [GIRARD]
4. Diagnóstico histórico-crítico: violência e monoteísmo [ASSMAN]
5. Êxodo e êxito diaporético: religião e interculturalidade [DUQUE]

ANTÓNIO MARUJO

Religiões e conflitos: não-violência activa, Europa e média contra a traição aos nomes de Deus

1. O Nome de Deus: unidade e pluralidade, paz e violência
2. Deus, no original: bondade, justiça e misericórdia
3. A violência religiosa atraiçoa cada tradição religiosa
4. Uma opção pela não-violência activa
5. A unificação europeia, uma opção pela paz
6. Uma estratégia mediática na educação para a paz

DONIZETE RODRIGUES

Durkheim Revisitado: religião, anomia e a génese da violência

E. Durkheim (1858-1917), judeu-francês, na sua construção teórica sociológica, apoiou-se em vários filósofos, com destaque para Hobbes, Rousseau e Comte. A partir de uma (re)visitação das suas obras, nomeadamente, *A Divisão do Trabalho Social* (1893), *As Regras do Método Sociológico* (1895) e *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), pretende-se analisar a forma de (re)organização e funcionamento da sociedade, a dinâmica da construção sociomoral-religiosa e o processo de (des)regulação social (anomia). O 'sistema simbólico-religioso', o 'positivismo' e a 'teoria da integração social' – solidariedade sociomoral exibida pela sociedade/grupo social onde o indivíduo está inserido – e o conceito de *habitus* – práticas sociais que os indivíduos incorporam de forma não consciente – serão importantes instrumentos analíticos para se entender o fenómeno da violência nas sociedades contemporâneas.

PAULO MENDES PINTO

Entre língua e linguagem:
a religião na confluência das grelhas mentais e dos Textos Sagrados

Ao usar algumas palavras não nos damos conta da carga mental que elas transportam. Falamos em Paz, dizemos *Shalom*, mas a construção destas palavras implicou, e implica em muito, uma posição muito específica do crente face ao religioso. A Paz é o estado que se obtém depois de aniquilada toda e qualquer resistência, como na Pax Romana, ou num quadro de submissão, como nas línguas semitas, seja no hebraico, seja no árabe. De forma inconsciente, usamos palavras que nos remetem para uma situação religiosa onde os subentendidos e as subtilezas nos obrigam a ir mais longe na equação dos radicalismos e da violência.

É no quadro do que estas palavras nos revelam que temos de equacionar o contemporâneo uso literalista dos textos bíblicos ou corânicos. O acto de religião, de viver religiosamente, implica submissão a uma vontade estabelecedora de ordem e, assim, de paz. Seja através das narrativas bíblicas de conquista (especialmente de Jericó), seja nas referências do Alcorão à guerra, a forma como o crente adere a uma interpretação literal sem uma grelha crítica e relativizadora é, possivelmente, o cerne da luta contra os

radicalismos fundamentalistas que espalham a violência nos dias de hoje (seja a violência terrorista, armada, seja a violência mediática e política).

JOSÉ DOMINGUES
O Sacrifício como questão do Sagrado

O sacrifício começa por ser questão a partir das diversas expressões que correspondem a formas variadas da sua experiência, expostas por Émile Benveniste, pelo que as formas e o transvazar de sentidos conservam, daquilo que o sacrifício é procura. Régis Debray diz por outro lado que a *questão* que se encontra no sacrifício, de que ele é o significante, em que o sacrifício surge, é o sagrado. Nesta medida, o sacrifício é a interpretação do sagrado, traço, um espaço e um tempo através dos quais o sagrado se inscreve. É um espaço e um tempo do sagrado que o sacrifício sugere, quer dizer, *faz*, i.e. não há sagrado como entidade constituída, *o* sagrado, mas no gesto – parecendo, deste modo, suspender a sua própria presença, justamente, no acto de desenhar trajectos, limites e fronteiras, por outras palavras, descontinuidades, mudança de plano, de ritmo, que se deslocam ligados a uma figura (do sagrado apreendido?)

JOSHUA RUAH
Fé e Organizações Religiosas

Nesta comunicação trataremos da religião como um fenómeno pessoal, sendo a organização religiosa uma das eventuais sedes de violência no seu próprio seio ou de conflito entre diversas organizações. Faremos uma rápida passagem pela história das múltiplas causas deste fenómeno e do seu agravamento nos séculos XX e XXI.Tecemos considerações em relação a causas politicas e económicas, mas sobretudo á utilização da religião como justificativo de agressões.

Nótulas Biográficas e Curriculares

JOSÉ ROSA

Licenciatura (1993) e Mestrado (1997) em Filosofia, Doutoramento em Filosofia Medieval (2005) na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). De 1993 a 2002, Professor nesta Universidade nos Cursos de Filosofia, Teologia, Ciências Religiosas, Ciências da Comunicação e Serviço Social. Desde 2002, docente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI - Covilhã). De 2013 a 2017, Diretor da sua Biblioteca da UBI. Atualmente, Professor Associado e Presidente da Faculdade. Investigador em vários Centros de Investigação e membro de Associações Científicas nacionais e internacionais. De 2013-17, investigador COST Action IS130: «New Communities of Interpretation: Contexts, Strategies and Processes of Religious Transformation in Late Medieval and Early Modern Europe» Os seus principais interesses académicos: Pensamento Antigo, Patrístico e Medieval (especialmente Santo Agostinho), Fenomenologia, História e Filosofia da Religião, Teologia Política.

SAMI ALDEEB

Sami A. Aldeeb Abu-Sahlieh: Chrétien d'origine palestinienne. Citoyen suisse. Docteur en droit. Habilité à diriger des recherches (HDR). Professeur des universités (CNU-France). Responsable du droit arabe et musulman à l'Institut suisse de droit comparé (1980-2009). Professeur invité dans différentes universités en France, en Italie et en Suisse. Directeur du Centre de droit arabe et musulman. Auteur de nombreux ouvrages, dont une traduction du Coran par ordre chronologique en français, en italien et en anglaise, d'une édition arabe annotée du Coran par ordre chronologique, d'un ouvrage en arabe sur les erreurs linguistiques du Coran, d'une introduction au droit musulman en français, en italien et en anglais, et d'une introduction au droit arabe en français et en italien.

ANTÓNIO DIMAS DE ALMEIDA

Nascido em 1937. Pastor protestante e professor universitário jubilado. Foi, há vinte anos, um dos três professores que, na Universidade Lusófona, foram convidados pela reitoria para darem forma à licenciatura em Ciência das Religiões, a única licenciatura que em Portugal, no campo das religiões, se tem caracterizado pela sua não confessionalidade, isto é, pela

sua laicidade. Tem trabalhado e ensinado sobretudo nos seguintes campos: história das origens cristãs; exegese e hermenêutica do Novo Testamento; ética; pensamento contemporâneo.

ARTUR MORÃO

Fez estudos literários e humanísticos e, ademais, de filosofia e de teologia. De 1973 a 2008 foi professor do Ensino Secundário na disciplina de filosofia. Actualmente aposentado. Leccionou ainda de 1980 a 2002, na UCP, as cadeiras de epistemologia, de hermenêutica e de filosofia da linguagem. Marginalmente, mas com intensidade, dedicou-se à tradução de textos filosóficos e afins. Entre os autores que abordou estão Aristóteles, Tomás de Aquino, David Hume, I. Kant, G. F. Hegel, J. G. Fichte, L. Feuerbach, K. Marx, W. Dilthey, J. H. Newman, F. Nietzsche, Max Weber, G. Simmel, S. Freud, Edmund Husserl, A. N. Whitehead, M. Heidegger, Th. Adorno, J. Habermas, P. Ricoeur, Dietrich Bonhoeffer, Bernard Lonergan e, mais recentemente, Aby Warburg, Martin Buber, Hans. U. von Balthasar e Hans Belting. Criou em Fevereiro de 2008, com dois amigos professores na UBI, Covilhã, o sítio electrónico de textos de filosofia, *Lusosofia*, de acesso livre e de ritmo crescente e progressivo.

ALFREDO TEIXEIRA

Doutor em Antropologia Política (ISCTE-IUL) e Mestre em Teologia Sistemática (FT-UCP). Desenvolve a sua atividade de docência e investigação na Universidade Católica Portuguesa, enquanto Professor Associado da Faculdade de Teologia. É Diretor do Instituto de Estudos de Religião da mesma Universidade. Entre 1994 e 2003, integrou o grupo interdisciplinar de estudos no domínio do Pensamento Contemporâneo e colaborou na instalação da área científica da Ciência das Religiões, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atualmente, desenvolve as suas pesquisas no Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião e no Centro de Estudos de História Religiosa (UCP), e coordena a rede de investigadores «Religião nas modernidades múltiplas». Coordenou os seguintes projetos: «Itinerários e trajetórias crentes na cidade», «Cultura religiosa na Escola», «Morfologia do campo religioso na sociedade portuguesa», «Ação social da Igreja católica», «Identidades religiosas em Portugal», «Arte é liturgia?». Atualmente, desenvolve investigação nos

seguintes domínios: identidades e instituições religiosas; estéticas e performatividades do religioso; novas teorias da religião. No âmbito dos seus interesses de investigação, publicou ou organizou 12 livros, 26 capítulos de livros, 46 artigos em periódicos especializados, organizou 27 colóquios e proferiu 132 comunicações em eventos científicos. Exerceu ou exerce funções editoriais nos periódicos: Communio, Revista Lusófona de Ciência das Religiões e Didaskalia. Presentemente, é co-editor da Revista de Estudos da Religião (REVER), sediada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Vice-Presidente, 2013-2016), da associação «Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa» (2016-) e da Comissão da Liberdade Religiosa do Ministério da Justiça (2016-). Para além da sua atividade académica, desenvolve uma reconhecida e premiada atividade de compositor

António Amaral

Obteve os graus de Licenciatura (1994) e de Mestrado (1998) em Filosofia na Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, e de Doutoramento (2014) em Filosofia na Universidade da Beira Interior. Exerceu docência na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa - Lisboa (1996-2003) e ainda no Curso de Ciência Política da Universidade Internacional, como docente convidado (1996-2002), leccionando, desde 2004, na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior nas áreas de Filosofia e Cultura Clássicas, Éticas aplicadas, Pensamento Político e Arte da Medicina, e desenvolvendo investigação centrada na Filosofia Antiga (sobretudo aristotélica), Pensamento e Cultura Clássica, Filosofia Prática, Teorias da Decisão, Cultura e Religião e Tradução de textos clássicos gregos (tendo sido, nesse contexto, publicadas as traduções do original grego dos tratados *Política* e *Ética a Eudemo* de Aristóteles).

António Marujo

Nascido em 1961, concelho de Águeda; Lic. em Comunicação Social no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, de Lisboa. Jornalista desde 1985, director editorial do SeteMargens.com – jornal digital de religiões, cultura e espiritualidades, desde Setembro 2018. Trabalhou no "Público" desde a fundação, em Setembro de 1989, até Janeiro de 2013, acompanhando sobretudo a informação religiosa. Antes, trabalhara no

"Expresso (1985-1989), revista "Cáritas" (1986-89), "Diário de Lisboa" (1989) programas "Toda a gente é pessoa" (Antena 1) e "Setenta Vezes Sete" (RTP). Vencedor de dois prémios europeus de jornalismo e autor ou co-autor de duas dezenas de livros, o último dos quais "Papa Francisco – a revolução imparável".

DONIZETE RODRIGUES

Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Coimbra, é Professor Associado com Agregação, Diretor do Núcleo de Estudos da Religião da Universidade da Beira Interior e investigador-sénior do Center for Research in Anthropology (CRIA-Nova University of Lisbon). Foi professor visitante e tem colaborado com várias universidades estrangeiras na Europa, África, Ásia e América, nomeadamente, Salamanca, Bristol, Columbia e Southern California. Fez parte do grupo de trabalho da Oxford University que editou a Encyclopedia of New Religious Movements, onde colaborou com vários artigos. Para além de capítulos de livros (Indiana University Press, Ashgate, Routledge) e artigos em revistas internacionais, do conjunto das suas obras destacam-se vários livros (em português e inglês) na área da Antropologia/Sociologia da religião. Atualmente, está a colaborar com as seguintes universidades: Tenri (Japão), Columbia (EUA), York (Canadá) e Ben-Gurion (Israel).

PAULO MENDES PINTO

Coordenador da área de Ciência das Religiões na Un. Lusófona, onde é o responsável pelo projecto REC-XXI – Religiões, Educação e Cidadania (desde 2018). Dirigiu a Licenciatura e Ciência das Religiões (2007-2017). É Embaixador do Parlamento Mundial das Religiões (2015-18) e membro fundador da European Academy for Religions (2017). Dos vários projectos que dirigiu, destaca-se, em 2017, o projecto «Roteiro do Diálogo Inter-religioso», apoiado pela Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade. No campo das relações com o Islão, dirigiu o Instituto Al-Muhaidib de Estudos Islâmicos (2014 – 2016), tendo sido co-fundador do Clube de Filosofia Al-Mu'tamid, criado entre a Universidade Lusófona e a Comunidade Islâmica de Lisboa (2014). Lançou o projecto «Base de Dados de Património Islâmico em Portugal». Com a Fundação Islâmica

de Palmela, criou a «Formação Avançada para Lideranças Islâmicas», dirigida a Imames a actuar na Europa. Co-coordena, ainda, a Pós-Graduação em «Islão e Segurança». No campo dos Estudos Judaicos é, desde Abril de 2018, membro da comissão executiva da Rede de Judiarias de Portugal. Foi o comissário da exposição «Heranças e vivências judaicas em Portugal», na Torre do Tombo (Março e Abril de 2017). Foi o responsável pelo projecto de catalogação dos manuscritos portugueses da Biblioteca Ets-Haim / Montesinos da Sinagoga Portuguesa de Amesterdão, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (2013-14). Coordenou os projectos FCT «Dicionário Histórico dos Sefarditas Portugueses. Mercadores e gente de trato». Participou nos projectos «Isolados linguísticos e religiosos no nordeste de Portugal: aportes da Genética e da Demografia» do IPATIMUP, da Universidade do Porto, e «Iluminura Hebraica medieval em Portugal» do Inst. de História da Arte da Universidade de Lisboa.

JOSÉ DOMINGUES

É Professor na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Comunicação e Artes da Faculdade de Artes e Letras. Presidente do Conselho da Faculdade de Artes e Letras (2007-2017). Membro investigador e Vice-Coordenador da unidade de investigação LabCom.IFP. Director da colecção Ta Pragmata-Livros de Filosofia Prática da editora Livros LabCom.IFP. Áreas de investigação: Filosofia no Ensino Secundário (métodos), Religião (violência); Estética (cinema e arquitectura); Autores: J.-F.Lyotard, M.Henry, S.Weil.

JOSHUA RUAH

Nascido em 1940, licenciado em medicina, chefe de Serviço de Urologia da Carreira Hospitalar (aposentado). Membro da Direcção da Comunidade Israelita de Lisboa desde 1963-1978. Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa entre 1979-1991 e 1995-1999. Membro da Associação de Amizade Portugal-Israel. Membro da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos. Delegado no Congresso Mundial Judaico entre 1979 e 1991. Presidente da comissão executiva das comemorações do 5º Centenário da Publicação do Édito de Expulsão dos Judeus de Portugal "Memória e Reencontro 1996. Em 1998 foi nomeado pelo Governo Português para

a Comissão de Investigação das Transacções em Ouro entre as Autoridades Portuguesas e Alemãs no período de 1936 e 1945. Condecorado por sua Excelência o Senhor Presidente da Republica Dr. Jorge Sampaio com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito. Convidado para investigador associado, do Laboratório de Estudos sobre Intolerância L.E.I.) S. Paulo, Brasil (2003). Convidado pelas Universidades de Lisboa, Coimbra, Aveiro, Beira Interior e Braga, Universidade Católica de Lisboa e Braga, Cátedra de Historia Benveniste F L L, Auditores de Defesa, Instituto de Altos Estudos Militares , Sociedade de Geografia, Centro de Cultura, Ordem médicos, Comunidade Islâmica, Comunidade Ismaelita, Associação Portuguesa de Urologia, Sociedade de Andrologia, Sociedade de Anestesia, Associações de Urologia, Brasileira, Espanhola, Italiana, Belga, Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, Comissão Nacional de Ètica e Ciências da Vida Grémios Lusitano e Universalis, para mesas redondas colóquios e conferências. Teve mais de 250 intervenções em conferências, mesas redondas, artigos publicados em jornais e revistas e livros, na área do estudo das religiões na historia, filosofia e aspectos ligados á ciência e ética médica. Membro do Partido Socialista desde 1975, tendo sido candidato diversas vezes para autarquias, Assembleia da Republica e Parlamento Europeu.

FCT
COMPETE
QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
LABCOM.IFP
UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR